



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS
– MODALIDADE A DISTÂNCIA**

ANA TALITA DA SILVA SANTOS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, EM
TURMAS DO 7º ANO DA E.M.E.F. MARIA APARECIDA GOMES DE SOUSA**

**ARARUNA-PB
JUNHO DE 2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS
– MODALIDADE A DISTÂNCIA**

ANA TALITA DA SILVA SANTOS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, EM
TURMAS DO 7º ANO DA E.M.E.F. MARIA APARECIDA GOMES DE SOUSA**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras - Português - Modalidade a Distância da
Universidade Federal da Paraíba, como requisito para
a obtenção do grau de Licenciado em Letras

Orientador: Prof. Dr. Cirineu Cecote Stein

ARARUNA-PB
JUNHO DE 2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237v Santos, Ana Talita da Silva.

Variação linguística no ensino de Língua Portuguesa, em turmas do 7º ano da E.M.E.F. Maria Aparecida Gomes de Sousa / Ana Talita da Silva Santos. - João Pessoa, 2021. 24 f.

Orientador: Cirineu Cecote Stein.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2021.

1. Língua Portuguesa - Variação linguística.
2. Preconceito linguístico. 3. Variação linguística - Sala de aula. I. Stein, Cirineu Cecote. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 811.134.3:81'27

ANA TALITA DA SILVA SANTOS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, EM
TURMAS DO 7º ANO DA E.M.E.F. MARIA APARECIDA GOMES DE SOUSA**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português - Modalidade a Distância da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Data de aprovação: 15/06/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cirineu Cecote Stein
Orientador

Profa. Dra. Edjane Gomes de Assis
Examinadora

Prof. Dr. Jan Edson Rodrigues Leite
Examinador

Dedico a Deus por ter me dado forças para chegar até o fim desta graduação, a minha mãe por todo incentivo, a meu pai e meus irmãos por toda força e apoio durante este percurso.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pois não foi uma trajetória fácil, mas com sua proteção consegui chegar ao fim desta caminhada. Obrigada, meu Deus!

A minha família, por todo apoio e incentivo, em especial a minha mãe, que sonhou a realização deste sonho junto comigo, sempre me deu força e fez de tudo para me ajudar. Minhas irmãs que sempre estiveram do meu lado, me incentivando. Ao meu pai que também sempre me apoiou.

A todos que contribuíram de forma direta ou indireta ao longo desta jornada acadêmica, meu muito obrigada.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a temática variação linguística em sala de aula, especificamente em duas turmas do 7º ano, da E.M.E.F. Maria Aparecida Gomes de Sousa, da cidade de Cacimba de Dentro-PB, analisando sobre os preconceitos existentes no dia a dia dos falantes referentes à linguagem, e definir o que é língua padrão e língua não padrão. O trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa qualitativa, por meio de análise bibliográfica através de leituras em livros, fontes eletrônicas, e artigos que abordam o tema. Também foi realizada uma coleta de dados por meio de uma pesquisa em campo, a qual foi desenvolvida por meio de uma entrevista individual composta por três questões abertas, realizada com dois professores(as) e cinco alunos(as) que fazem parte das turmas do 7º ano da referida escola. As referências que serviram de subsídios para esta pesquisa foram Marcos Bagno (1999) e Sírrio Possenti (2008).

Palavras-chave: Variação linguística. Preconceito linguístico. Sala de aula.

Sumário

1. Introdução.....	9
2. Variações linguísticas.....	10
2.1 Variedades regionais.....	11
2.2 Variedades sociais.....	12
2.3 Variedades estilísticas.....	12
3. Preconceito linguístico	14
4. Língua padrão e não-padrão.....	15
5. Metodologia e análise dos resultados.....	16
6. Considerações Finais	23
7. Referências.....	24

1. Introdução

Este trabalho tem como tema, a “variação linguística no ensino de Língua Portuguesa”, especificamente em duas turmas do 7º ano do ensino fundamental, da E.M.E.F. Maria Aparecida Gomes de Sousa, localizada na zona urbana da cidade de Cacimba de Dentro-PB. Esta pesquisa de natureza qualitativa tem como finalidade apresentar como a temática variação linguística é vista e trabalhada em sala de aula, tanto pelos alunos quanto pelos professores. A variação não deve ser objeto de preconceito por aqueles que dominam ou pensam dominar a norma culta. Não é adequado transmitir uma visão arcaica da linguagem para sugerir que a variação linguística representaria a degradação da língua e não admitir a existência da língua falada, bem como não admitir que a escrita não se manifesta também com formas variantes em outros tipos de gêneros textuais. As referências de estudo para esse trabalho são baseadas nos autores Marcos Bagno (1999) e Sírío Possenti (2008), uma vez que eles defendem que a língua é diversificada e não existe o falar certo ou o falar errado.

No decorrer da minha graduação, nas aulas de campo, pude comprovar que a variação linguística é um fenômeno que realmente existe e que é frequente. É um tema polêmico e que tem sido um grande desafio tanto para os professores como para os estudantes. Tendo em vista essa questão, nesta pesquisa iremos refletir sobre a variação linguística e o ensino da Língua Portuguesa, considerando a relação fala/escrita e preconceito linguístico em sala de aula.

Os procedimentos adotados para o desenvolvimento deste trabalho de início decorreram através de uma pesquisa qualitativa por meio de leituras em livros, fontes eletrônicas, e artigos que abordam o tema. Foi realizada uma coleta de dados nos dias 29 e 30 do mês de abril, por meio de uma pesquisa em campo, a qual foi desenvolvida através de entrevista individual, realizada com uma professora e um professor, e cinco alunos da referida escola, para um levantamento de dados. A entrevista sobre o tema em estudo aconteceu com base em um questionário. O questionário foi composto de três questões abertas para cada entrevistado. Após as respostas serem obtidas, as informações foram catalogadas, comparadas e analisadas. Portanto, a técnica utilizada nesta pesquisa para estudo e aperfeiçoamento de dados foi a de estudo de campo e análise de dados, acompanhada pelo estudo de referências bibliográficas.

2. Variação linguística

A variação linguística é um fenômeno natural que ocorre pela diversificação dos sistemas de uma língua em relação às possibilidades de mudança de seus elementos (vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe). Para Marcos Bagno (2004, p. 9):

“Tratar da língua é tratar de um tema político”. Explica: “Só existe língua se houver seres humanos que a falem.”

Ao partir da perspectiva de que a língua é viva, o autor conclui que tudo aquilo que se contrapõe a esta condição está morto. Por isso, a gramática e os gramáticos tradicionais são considerados por ele como “uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um igapó, à margem da língua” Bagno (2009, p. 20).

A língua é como um rio que se renova, enquanto a água do igapó, a gramática normativa, envelhece, não gera vida nova a não ser que venham as inundações. Com estas imagens Bagno constrói a diferença entre a dinâmica da língua/rio e o apego às normas/igapó da língua culta que são guardadas, preservadas, e divulgadas de maneira conservadora, preconceituosa e prejudicial à vida social.

Na sala de aula na área de Língua Portuguesa, além de ser trabalhada a variação linguística e o preconceito linguístico, deve-se trabalhar também a norma padrão da língua, uma vez que a norma padrão ou culta corresponde ao conjunto de padrões linguísticos usados habitualmente pela camada mais escolarizada da população. A norma culta define-se como a variação linguística utilizada por pessoas que vivem em meios urbanos e que possuem elevado nível de escolaridade, em situações formais e monitoradas de comunicação falada ou escrita.

A variação linguística é uma questão relevante e que merece destaque na sala de aula, não se pode pensar em uma língua homogênea, que pode ser falada da mesma forma e em todos os lugares. A língua é heterogênea, e ela pode variar por diferentes fatores, como: status socioeconômico, a faixa etária, grau de escolaridade, redes sociais, gênero, entre outros. Portanto, a variação linguística é resultado das interações sociais que dependem de fatores sócio estruturais e sócio funcionais. A língua portuguesa apresenta diferentes formas e usos conforme os falantes, ouvintes, leitores e escritores e essa variedade não pode ser desconsiderada pelos educadores da área de língua portuguesa em todos os níveis de ensino. Segundo Sírío Possenti (2008, p.35):

“As línguas fornecem também meios de constituição de identidade social. Por isso seria estranho, quando não ridículo, um velho falar como uma criança, uma autoridade falar como um marginal social, etc. Muitos meninos não podem usar a chamada linguagem correta na escola, sob pena de serem marcados pelos colegas, porque em nossa sociedade a correção é considerada uma marca feminina.”

Na sala de aula o fenômeno da variação se torna mais presente e visível. É comum nos dias de hoje que toda a comunidade escolar conviva com as gírias e vícios de linguagem dos alunos. A Língua Portuguesa possui uma maior variação devido ao grande espaço geográfico e isso resulta na forma como que ela é falada. A má distribuição de renda e bens culturais também contribuem para a variação, como indica Bagno (1999, p.13):

“No Brasil embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro.”

Durante o percurso deste curso de Letras Português, nas etapas de estágios, vivenciei e presenciei alguns tipos de variações da língua, especificamente em uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental. Foi possível comprovar que este é um fenômeno que realmente existe e que requer o máximo de atenção tanto dos educadores como dos educandos. As pessoas hoje em dia são muito influenciadas pela mídia, principalmente os adolescentes, a tudo que é novo e está na moda eles se adaptam muito rápido. Os adolescentes apresentam uma forma de fala bem diversificada. Observei que existem alguns alunos que trazem para a escrita a forma como eles falam e quando o educador chama atenção dos mesmos, mostrando a forma correta da escrita, o aluno não quer aceitar a norma da língua.

A interação com o meio faz com que a língua se torne cada vez mais heterogênea e, na sala de aula, como é perceptível até pela experiência acima relatada, isto não ocorre de forma diferente: o professor deve saber lidar com essa heterogeneidade, e ao mesmo tempo, explicar como fazer o uso adequado dela. Explicar os fenômenos linguísticos requer muito cuidado e atenção, principalmente porque ela é um meio de comunicação e, por ser um meio de comunicação, é variada e se transforma, assim como os usuários, e sua forma padrão acaba sendo deixada de lado. Para Bagno (1999, p.12):

“A norma padrão não faz parte da língua, isto é, não é um modo de falar autêntico, não é uma variedade do português brasileiro contemporâneo. Ela só aparece, e ainda assim nunca integralmente obedecida, em textos escritos com alto monitoramento estilístico, nos quais, porém, já é bastante significativa a presença das inovações linguísticas próprias da verdadeira língua dos brasileiros.”

Ao falarmos na Língua Portuguesa e no seu processo de ensino aprendizagem, não podemos deixar de lado as diferentes variedades linguísticas que a compõem no território nacional, fazendo com que ela seja uma única língua, porém com uma vasta variedade do ponto de vista do léxico, da pronúncia, das construções sintáticas e dos sentidos estabelecidos a partir dessas construções. As variações linguísticas ocorrem em todos os níveis de funcionamento da linguagem, sendo mais perceptíveis na pronúncia e no vocabulário.

A variação linguística está presente na sala de aula, uma vez que, na escola estão pessoas de diferentes culturas, classes, personalidades diferentes, e até mesmo de estados diferentes.

Conforme estudos provenientes da sociolinguística variacionista são observadas as seguintes categorias: variação regional, variedades sociais e variedades estilísticas.

2.1 Variedades regionais

São aquelas que demonstram a diferença entre as falas dos habitantes de diferentes regiões do país, diferentes estados e cidades. Por exemplo, os falantes do estado da Paraíba, ou de Minas Geras, possuem uma forma diferente em relação à fala dos falantes do Rio de Janeiro, cada um possui uma linguagem própria.

O seguinte poema traz uma abordagem de variação regional. Oswald de Andrade (1974, p. 98):

Vício da fala

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados.

Nesse poema, Oswald de Andrade revela que a língua não é uniforme e, sobretudo, se trata de um linguajar caipira, que a pronúncia se caracteriza como a de um baixo nível de escolaridade, várias vezes por falta de oportunidade em adquiri-la, mas que nem por isso a interlocução deixou de ser materializada.

2.2 Variedades sociais

São variações que ocorrem de acordo com os diferentes hábitos, costumes e culturas de determinados grupos sociais. Esse tipo de variedade possui diferenças em nível fonológico ou morfossintático.

Exemplos:

- Fonológicos - “prantar” em vez de “plantar”; “bão” em vez de “bom”; “pobrema” em vez de “problema”; “bicicreta” em vez de “bicicleta”.
- Morfossintáticos - “dez real” em vez de “dez reais”; “eu vi ela” em vez de “eu a vi”; “eu truci” em vez de “eu trouxe”; “a gente fumo” em vez de “nós fomos”.

2.3 Variedades estilísticas

São as mudanças da língua de acordo com o grau de formalidade, ou seja, a língua pode variar entre uma linguagem formal ou uma linguagem informal.

- Linguagem formal: é usada em situações comunicativas formais, como uma palestra, um congresso, uma reunião empresarial, etc.
- Linguagem informal: é usada em situações comunicativas informais, como reuniões familiares, encontro com amigos, etc. Nesses casos, há o uso da linguagem coloquial.
- Gíria ou Jargão: é um tipo de linguagem utilizada por um determinado grupo social, fazendo com que se diferencie dos demais falantes da língua. O jargão é, em geral, relacionado à linguagem de grupos profissionais, por exemplo: músicos, designers, corretores de imóveis, entre outros.

A maioria dessas variações linguísticas acima citadas foram observadas durante o estágio na sala de aula. Cada aluno com seu jeito, sua cultura, sua forma de expressão, seus hábitos e costumes. São poucos os educandos que seguem a norma da língua tanto na escrita como na fala. Alguns obedecem na escrita a norma gramatical e fazem o uso de muitas gírias na fala. Tratar a variação linguística em sala de aula requer muito cuidado e incentivo por parte do professor, pois há alunos que, quando o professor os orienta e ensina da melhor maneira possível, levam o ensinamento na brincadeira e terminam fazendo o uso de variações mesmo quando é necessário expressar-se corretamente tanto na fala quanto na escrita.

3. Preconceito linguístico

O preconceito linguístico é uma forma de discriminação social. O mesmo acontece a partir do momento que um indivíduo critica a forma de comunicação de outra pessoa, seja a comunicação oral ou escrita. Quando se fala em preconceito linguístico, automaticamente fala-se em variação linguística, e ambos estão presentes em nosso dia a dia. Há quem diga que a forma com a qual algumas pessoas se comunicam através da fala é errada, e chegam até a zombar da pessoa que por algum fator expressa-se oralmente diferente da norma padrão da língua. Existem dois fatores que contribuem para que o preconceito linguístico exista. Um está ligado ao fator regional, uma vez que a população brasileira é composta por diversas etnias, e as pessoas apresentam um dialeto local próprio e o outro fator seria o socioeconômico, ocasionado através das diferenças de classes sociais, com as pessoas que fazem parte da elite econômica costumando menosprezar as pessoas que vivem em favelas, em situações mais carentes. Para amenizar esta situação, a participação da escola, da família e até mesmo da mídia, na propagação do princípio da adequação linguística é fundamental para dirimir o preconceito linguístico. A escola exerce um papel fundamental para a reflexão e discussão do preconceito, uma vez que a mesma deve ensinar ao aluno a ler e a escrever corretamente, para que desde cedo o mesmo tenha conhecimento das normas da língua. Bagno, (1999, p.63), diz que:

“É preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultados da história social e cultural das pessoas que falam a língua em cada canto do Brasil.”

É importante destacar ainda que, além da Língua Portuguesa apresentar uma imensa variação linguística, ela também apresenta uma enorme diferença em relação ao Português padrão, o qual obedece às normas da língua culta tanto na escrita como oralmente. E o Português não-padrão, o qual é usado com frequência no dia a dia, e por sua vez algumas pessoas não fazem o uso obrigatório das normas gramaticais da Língua Portuguesa. No Português não-padrão é onde encontra-se predominantemente as formas de variações linguísticas e consequentemente sobre ele encontra-se o preconceito linguístico.

4. Língua padrão e não-padrão

Uma vez que a língua é um conjunto de variação linguística, e cada uma delas com sua gramática e estrutura, se faz necessário definirmos língua padrão e não- padrão. Lembrando que, no momento em que se estabelece uma língua padrão, ela ganha tanta importância e prestígio social, que todas as demais são consideradas impróprias.

A língua padrão é conhecida também como norma culta, é a língua formal, ensinada nas escolas e segue regras tanto na fala como na escrita. É uma linguagem geralmente utilizada em ambientes que exigem uma linguagem mais formal, sendo usada na maioria das vezes por intelectuais, profissionais acadêmicos, entre outros. A língua não-padrão ou informal é aquela língua que segue regras dentro da gramaticalidade de cada comunidade linguística, havendo regras também na variação, sendo uma língua mais espontânea, usada no dia a dia; nela encontra-se o uso de gírias, expressões e ditados populares. O não uso da língua padrão faz com que em determinados lugares e momentos o indivíduo seja visto de forma preconceituosa. Para o linguista Marcos Bagno, o domínio da língua padrão não faz com que o indivíduo seja visto com outros olhos pela sociedade se o mesmo viver em situações precárias, mesmo tendo domínio da língua, ele vai ser visto com inferioridade pelas pessoas mais sucedidas. Bagno (2006, p.91) diz que:

“O domínio da norma padrão não é uma fórmula mágica que, de um momento para o outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente. É preciso garantir, isto sim, o acesso à educação em seu sentido mais amplo, aos bens culturais, à saúde e à habitação, ao transporte de boa qualidade, à vida digna de cidadão merecedor de todo respeito.”

O domínio da língua padrão não representa o domínio de regras. Ele é apenas o ponto de partida do que é efetivamente importante: o texto. Além do mais, há também os textos

literários que servem de referência para a língua padrão, embora já não tenha a hegemonia que tiveram em séculos passados. Nesse sentido, a sua leitura é fundamental no universo de quem pretende dominar a língua padrão. Porém, do ponto de vista técnico, precisamos observar dois aspectos: O primeiro é que a linguagem literária é um gênero específico da língua, e não um instrumento que sirva para qualquer finalidade. O segundo aspecto é que não há relação direta entre literatura e língua padrão.

De modo geral, as línguas são um conjunto variado de formas, cada uma com sua gramática, sua organização estrutural. Cientificamente, nenhuma forma linguística é melhor que outra, exceto se esta forma não for vista como ciência, mas sim, como critério o preconceito ou o gosto pessoal. Na sala de aula ao se expressar oralmente alguns alunos não costumam seguir uma regra formal da língua, pois há uma variedade de fatores que contribuem para uma vasta diversidade em sala de aula. O professor em seu papel de passar conhecimento, deve ensinar que a língua é heterogênea, porém ela também contém regras, as quais em determinados momentos, em ocasiões formais, devem ser seguidas, tanto na fala como na escrita.

5. Metodologia e análise dos resultados

Os procedimentos adotados para o desenvolvimento deste trabalho, que tem como tema o estudo das variações linguísticas em Língua Portuguesa, em turmas do 7º ano do ensino fundamental da escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Gomes de Sousa, localizada na zona urbana na cidade de Cacimba de Dentro-PB, decorreram através de uma pesquisa bibliográfica por meio de leituras em livros, fontes eletrônicas, e artigos que abordam o tema. Também foi realizada uma coleta de dados por meio de uma pesquisa em campo, a qual foi desenvolvida por meio de uma entrevista individual com dois professores e cinco alunos das turmas do 7º ano da referida escola, para um levantamento de dados sobre como essa temática é abordada nessas turmas. As entrevistas tiveram autorização da direção da escola. Os participantes para a entrevista foram indicados pela diretora da escola, sendo que os professores(as) deveriam atuar na disciplina de Língua Portuguesa das turmas em questão. A entrevista foi realizada com base em um questionário, nos dias 29 e 30 do mês de abril. As entrevistas foram orais e, devido ao momento de pandemia que estamos vivenciando, ocorreram de forma remota, pelos aplicativos WhatsApp e Google Meet. O questionário era composto de

três questões abertas para cada entrevistado, e foi aplicado de forma individual. Após as respostas serem obtidas, as informações foram catalogadas, comparadas e analisadas. Portanto, a técnica utilizada nesta pesquisa para estudo e aperfeiçoamento de dados foi a de estudo de campo e análise de dados, acompanhada pelo estudo de referências bibliográficas.

Constituição dos questionários

Questões dos entrevistados:

Professores(as):

1. Você trabalha ou já trabalhou o tema variação linguística com seus alunos?
2. Como você ensina a temática variação linguística em sala de aula?
3. Como você lida com os alunos que demonstram preconceito linguístico por conta do uso de variantes linguísticas diferentes por outro colega?

Alunos(as):

1. Você sabe o que é variação linguística ou já ouviu falar dela?
2. Você sabe o que é preconceito linguístico? Explique.
3. Na sua sala de aula costuma haver *bullying* por causa da maneira de falar de algum colega? Se sim, como essa situação é tratada pelo(a) professor(a)?

Entrevistas e dados recolhidos dos entrevistados

Professor - A

1. Você trabalha ou já trabalhou o tema variação linguística com seus alunos?
Sim.
2. Como você ensina a temática variação linguística em sala de aula?

“Para os alunos do 7º ano, é entregue a eles uma tabela com os parentes (avô ou avó, pai ou mãe, irmão ou irmã) e fotos de objetos (porta, vassoura, celular, óculos, bicicleta), os quais devem ser identificados pela família do aluno. Nessa tabela há um espaço em branco em frente de cada objeto, nesse espaço os alunos escrevem a forma original da leitura dos objetos realizadas oralmente por sua família. Assim, ao regressar à escola, é feito um círculo e realizada a leitura da forma de falar de cada parente. A partir disso, é discutido que esse fenômeno trata-se de variação linguística e é anunciada a largada dos estudos desse tema.”

3. Como você lida com os alunos que demonstram preconceito linguístico por conta do uso de variantes linguísticas diferentes por outro colega?

“Considerando que qualquer tipo de preconceito impacta na nossa saúde mental, causando muitas vezes a falta de interação social, principalmente do aluno no ambiente escolar, também inicio os estudos de variação linguística no momento em que identifico algum preconceito linguístico na sala de aula ou fora dela. Levo informações que ampliam os conhecimentos dos alunos para moldar, positivamente, suas mentes para que disseminem, não o preconceito linguístico, mas a apreciação das variações de sua língua.”

Professor - B

1. Você trabalha ou já trabalhou o tema variação linguística com seus alunos?
Sim.
2. Como você ensina a temática variação linguística em sala de aula?

“Geralmente a temática é iniciada de maneira natural através de conversas informais, mostrando que as pessoas têm características diferenciadas ao se expressar, as quais devem ser respeitadas. (Estamos nessa fase inicial, ou seja, já conversamos sobre as diferentes maneiras de se expressar, mas ainda não aprofundamos o

significando do termo variação linguística). Posteriormente utilizaremos o livro didático e outras atividades complementares.”

3. Como você lida com os alunos que demonstram preconceito linguístico por conta do uso de variantes linguísticas diferentes por outro colega?

“Quando vejo tal situação imediatamente explico que devemos respeitar as particularidades de cada indivíduo, pois vivemos em um país riquíssimo em cultura, portanto a fala aborda uma variação linguística de acordo com o lugar, idade, entre outros a que o cidadão pertence. Tratar mal alguém pelo fato de usar variantes diferentes é mostrar falta de conhecimento e respeito.”

Aluno - A

1. Você sabe o que é variação linguística ou já ouviu falar dela?
Não.
(O aluno respondeu à questão fazendo o uso de uma variante, ele disse: “a professora não deu esse assunto a noi ainda não.” Em vez de falar o pronome NÓS ele falou NOI.)
2. Você sabe o que é preconceito linguístico? Explique.
Sim. São os sotaques das pessoas.
3. Na sua sala de aula costuma haver *bullying* por causa da maneira de falar de algum colega? Se sim, como essa situação é tratada pelo(a) professor(a)?
Não.

Aluno - B

1. Você sabe o que é variação linguística ou já ouviu falar dela?
Não.

2. Você sabe o que é preconceito linguístico? Explique.

Sim. Não respeitar a fala do outro.

3. Na sua sala de aula costuma haver *bullying* por causa da maneira de falar de algum colega? Se sim, como essa situação é tratada pelo(a) professor(a)?

Não.

(O aluno ao responder à questão disse “inté hoje eu não vi *bullying* na sala não”. O aluno fez o uso da palavra INTÉ em vez de ATÉ).

Aluno - C

1. Você sabe o que é variação linguística ou já ouviu falar dela?

Não.

2. Você sabe o que é preconceito linguístico? Explique.

Mais ou menos. Eu acho que é o jeito diferenciado que as pessoas falam.

3. Na sua sala de aula costuma haver *bullying* por causa da maneira de falar de algum colega? Se sim, como essa situação é tratada pelo(a) professor(a)?

Não.

Aluno - D

1. Você sabe o que é variação linguística ou já ouviu falar dela?

Sim.

2. Você sabe o que é preconceito linguístico? Explique.

Sim, é a forma como algumas pessoas falam diferente uma das outras.

3. Na sua sala de aula costuma haver *bullying* por causa da maneira de falar de algum colega? Se sim, como essa situação é tratada pelo(a) professor(a)?

Sim, eu passei por isso, pois eu morava em São Paulo e costumo puxar muito o “r” em algumas palavras, e com isso alguns colegas ficavam rindo. Meu professor não falava nada.

Aluno - E

1. Você sabe o que é variação linguística ou já ouviu falar dela?

Não. Já ouvi falar, mas não lembro.

2. Você sabe o que é preconceito linguístico? Explique.

Não.

3. Na sua sala de aula costuma haver *bullying* por causa da maneira de falar de algum colega? Se sim, como essa situação é tratada pelo(a) professor(a)?

Não.

Análise dos resultados

Na entrevista com os professores nota-se muita segurança e firmeza em relação às respostas dadas. Eles afirmam que trabalham ou já trabalharam o tema variação linguística em suas turmas. Segundo o professor A, “trabalhar variação linguística me possibilitou deixar a língua mais próxima deles e de suas realidades, mostrando que ela é viva e flexível por atender às diversas situações de uso”. Os professores relataram que encontram diferentes variantes em sala de aula, pois as turmas são bem heterogêneas, o que favorece muito a diversidade de culturas. Os professores também relataram que este é um tema muito bom de ser trabalhado, pois proporciona conhecimento das diversidades linguísticas que compõem a Língua Portuguesa.

Ao entrevistar os alunos, nota-se que alguns têm conhecimento do tema e outros não. Ao fazer a primeira pergunta à aluna A, a mesma demonstrou não ter conhecimento do tema,

então foi explicado um pouco do que se tratava e ela rapidamente assimilou. Na segunda questão, observa-se que diante da explicação na primeira pergunta, a aluna compreendeu melhor o tema e soube responder com mais segurança à segunda pergunta. Quanto à terceira questão, a aluna respondeu não haver *bullying* na sala por causa do jeito diferente de algum colega expressar-se oralmente. Observei que no início a aluna estava insegura por não conhecer o tema, mas após a explicação ela ficou mais à vontade e respondeu com segurança às demais perguntas.

O aluno B, a princípio, falou que não conhecia o tema, após uma rápida explicação ele recordou que já tinha estudado esse assunto. À questão de número dois, ele respondeu rapidamente e com segurança e disse que sabia do que se tratava. Na pergunta de número três ele também demonstrou segurança ao responder à questão.

O entrevistado C apresentou pouco conhecimento sobre o tema, respondeu às questões com insegurança, mesmo tendo uma explicação sobre o tema.

O entrevistado D falou que já tinha ouvido alguma coisa sobre o tema, passou clareza nas respostas e demonstrou que realmente tem conhecimento do assunto.

O entrevistado E foi o que aparentou não ter nenhum conhecimento do tema em questão.

Diante das respostas, fica evidente que a temática variação linguística está presente em nosso dia a dia, porém muitos fazem o uso da mesma sem saber que estão de certa forma falando alguma variante. Ao entrevistar os alunos, percebe-se o uso de algumas variantes faladas pelos mesmos, nota-se que eles usam as variantes, mas não percebem. Ao aproveitar suas próprias variantes faladas durante a entrevista para citar como exemplos aos mesmos, eles demonstraram estar surpresos, pois não percebiam que estavam pronunciando algumas variantes, como foi o caso do aluno A e do aluno B.

Comparando as respostas dadas pelos professores e alunos nota-se que, mesmo os professores trabalhando o tema variantes linguísticas, são poucos os alunos que demonstram que têm conhecimento sobre o tema, outros possivelmente já haviam visto o conteúdo, mas aparentemente tinham esquecido. Em se tratando de turmas do 7º ano, esse é um tema que não é trabalhado de forma aprofundada, trabalha-se de forma resumida e talvez por isso os alunos entrevistados não tenham conhecimento do tema em questão.

6. Considerações Finais

Sabemos que a Língua Portuguesa não é uma língua única, homogênea, ela apresenta uma vasta variedade em sua forma linguística, ou seja, na forma de expressar-se oralmente. O Brasil é um país que apresenta diferentes culturas e etnias em sua formação geográfica, desde o início de sua povoação, e esses fatores contribuem para que haja uma diversificação no modo de falar de cada região, contemplando-se, por exemplo, variação regional, variedades sociais e as variedades estilísticas.

É importante ressaltar que pelo fato da Língua Portuguesa apresentar variações no modo de fala, torna-se importante que o usuário da língua saiba usá-la adequadamente de acordo com cada circunstância em que o mesmo esteja inserido, para que eventualmente não venha a receber críticas ou ser motivo de piadas, enfrentando assim o chamado preconceito linguístico. Em situações formais, como um júri, por exemplo, deve-se fazer o uso da linguagem formal, já em situações que não sejam formais, como em roda de conversas entre amigos, por exemplo, geralmente usa-se a linguagem informal ou não padrão.

Durante a realização da pesquisa com os entrevistados, especificamente com os discentes, notou-se que nem todos têm conhecimento do tema em questão, “variação linguística”. Alguns fazem o uso de algumas variações, mas não assimilam o uso das mesmas. Junto com essa temática variação linguística está a discriminação de algumas variedades linguísticas, também conhecido como preconceito linguístico, o qual ocorre quando um indivíduo critica ou faz ofensas a outro indivíduo por causa da sua maneira de falar.

A não abordagem deste tema em sala de aula muitas vezes favorece o não conhecimento do mesmo por parte dos alunos. E o não conhecimento desse tema contribui para que ocorra o chamado *bullying*, cometido por causa da maneira própria de falar de algum indivíduo. E quando isso ocorre, independentemente de estar sendo trabalhado o tema ou não, cabe ao professor, com bastante cautela, interromper sua aula e explicar que cada indivíduo tem seu linguajar próprio, que está associado ao fator socioeconômico, faixa etária, cultura, povoação geográfica, entre outros. É dever do professor mostrar a forma característica como cada pessoa se comunica oralmente e orientar os discentes no sentido de que isso não é motivo para preconceito, pois essas variações fazem parte de um fenômeno social e cultural do país.

7. Referências

- ANDRADE, Oswaldo. **Obras completas: Poesias reunidas** vol. 7. 1974. p.89. Disponível em: <https://monoskop.org/images/3/39/Oswald-de-andrade-Obras_Completas-vol7.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2021.
- ANDRADE, Rita. C. A variação linguística no ensino de Língua Portuguesa. **Revista eventos pedagógicos** v 3, n.1, número especial. Abr. 2012. p. 537-546. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/590/405>>. Acesso em: 1 abr. 2021.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. 54. ed. São Paulo: Loyola, 1999. p. 12-63.
- BRASILESCOLA. **O que é português, o que é variação linguística**. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-variacao-linguistica.htm>>. Acesso em: 3 abr. 2021.
- BERALDO, Jairo, **Preconceito Linguístico**. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/portugues/preconceito-linguistico.htm>>. Acesso em: 2 abr. 2021.
- FINARDI, Eliane. D. **Variação linguística: preconceito linguístico**. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/variacao-linguistica-preconceito-linguistico/>>. Acesso em: 5 abr. 2021.
- POSSENTI, Sírio. **O texto na sala de aula: Variações linguísticas**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2008. p. 35-135.
- SÁ, Stella. A. A. de. **Língua Padrão**. Disponível em: <https://avant.grupont.com.br/dirVirtualLMS/player/wbtlpt/pdf/aula_1_lingua_padrao.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2021.
- SILVA, Franciele E. da; ESTEVAM, Tatiane de C. **Variação linguística na sala de aula: uma proposta de análise por textos dissertativos**. Fafibe. 2009. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistaletrasfafibe/sumario/6/14042010182008.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2021.
- SILVA, Sara. C. L. **Variação linguística e o ensino da Língua portuguesa: a partir de uma perspectiva aplicada**. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/2082/6/Varia%C3%A7%C3%A3o%20lingu%C3%ADstica%20e%20o%20ensino%20de%20l%C3%ADngua%20portuguesa_Artigo_2015.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2021